



O DINAMISMO DA CULTURAL DIGITAL E A NECESSIDADE DE REPENSAR O ENSINO: AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA LEITURA LITERÁRIA

THE DYNAMISM OF DIGITAL CULTURAL AND THE NEED TO RETHINK TEACHING: DIGITAL TECHNOLOGIES IN LITERARY READING

Marina Macedo Santos Martins¹
José Edilson de Amorim²

RESUMO: Em 2023, foi instituída através da Lei 14.533 o PNED³, que possui o objetivo de fomentar o uso das tecnologias digitais no âmbito escolar e garantir que os alunos adquiram competências digitais durante o processo de ensino aprendizagem. A iniciativa nos faz entrever que as tecnologias digitais sejam inseridas, cada vez mais, na realidade de sala de aula, reiterando a necessidade de vislumbrarmos métodos de trabalho com esses novos meios. Isso nos leva a analisar, neste artigo, experiências de professores de literatura com o ensino híbrido⁴, através de quatro dissertações, evidenciando as metodologias utilizadas e ganhos observados nos relatos com vistas à formação leitora. As análises nos mostram inúmeros ganhos do uso das mídias digitais para a leitura e o ensino de literatura, que podem ser transpostos metodologicamente para outras áreas de ensino, tais como: criar mais espaços de discussão e reflexão; oferecer mais autonomia e liberdade no processo de ensino; possibilitar a revisão dos professores sobre sua prática docente; utilizar métodos de inclusão digital para educando com necessidades especiais, entre outros.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Ensino; Cibercultura; Mídias Digitais.

ABSTRACT: In 2023, the PNED was established through Law 14,533, which aims to encourage the use of digital technologies in schools and ensure that students acquire digital skills during the teaching-learning process. The initiative makes us see that digital technologies are increasingly being inserted into the classroom reality, reiterating the need to envision working methods with these new means. This leads us to analyze, in this article, literature teachers' experiences with hybrid teaching, through four dissertations, highlighting the methodologies used and gains observed in the reports; We will also reflect on the reading communities formed in online environments without educational purposes. The analyzes show us numerous gains from the use of digital media for teaching literature that can be methodologically transposed to other areas of teaching, such as: creating more spaces for discussion and reflection; offer more autonomy and freedom in the teaching process; enable teachers to review their teaching practices; use digital inclusion methods for students with special needs, among others.

Keywords: Reading; Literature; Teaching; Cyberculture; DigitalMedia.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, nos propomos a repensar o ensino de literatura diante do dinamismo

¹ Marina Macedo Santos Martins, Doutoranda em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande, marinamsm_@hotmail.com

² José Edilson de Amorim, Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, edilsondeamorim@gmail.com

³ Política Nacional de Educação Digital.

⁴ Com ensino híbrido, aqui, nos referimos a mescla entre ensino presencial e práticas online.



digital que temos vivenciado em nossa era, o que fazemos como um recorte das discussões levantadas em nossa tese de doutoramento (em andamento), na qual consideramos que as mídias digitais podem e devem ser vistas como aliadas ao ensino. Neste ponto, nos dedicaremos a discutir mais precisamente como o meio digital pode enriquecer a leitura e o ensino de literatura, mas deixamos claro o fato de que as reflexões aqui levantadas não abarcam apenas esse campo disciplinar, mas devem servir como ponto de partida para ponderações em todo o âmbito educacional e contexto escolar, em qualquer série e para quaisquer alunos. Isso porque os ganhos que aqui serão vistos nas experiências relatadas, por vezes, podem ser transpostos metodologicamente para outras disciplinas.

Neste artigo, nos propomos a repensar a leitura em sala de aula diante do dinamismo digital que temos vivenciado em nossa era, o que fazemos como um recorte das discussões de nossa tese de doutoramento (em andamento) *Leituras do estranho em contos de Geraldo Maciel: Uma proposta metodológica híbrida na formação de leitores* (2024), na qual consideramos que as mídias digitais podem e devem ser vistas como aliadas ao ensino. Nos dedicaremos a discutir, portanto, como as tecnologias digitais podem enriquecer a leitura, utilizando como fio condutor o ensino de literatura, tendo em vista que o seu objetivo precípua é a formação leitora, o que pressupõe, assim, que práticas de leitura sejam a base das aulas. Contudo, deixamos claro o fato de que as reflexões aqui levantadas não abarcam apenas esse campo disciplinar, mas devem servir como ponto de partida para ponderações em todo o âmbito educacional e contexto escolar, em qualquer série e para quaisquer alunos. Isso porque os ganhos que aqui serão vistos nas experiências relatadas, por vezes, podem ser transpostos metodologicamente para outras disciplinas.

Silva (2022, p.121) afirma que na busca por desconstruir abordagens estigmatizadas em relação à leitura e à literatura na escola, não cabe mais o roteiro tradicional de ensino, com métodos que incluem utilizar o livro didático como material único para as leituras, responder perguntas do questionário ou produzir uma redação a partir da leitura feita. A autora indica que esse modelo se tornou anacrônico diante do dinamismo da cultura digital, e declara: “Os estudantes já não aprendem mais da mesma forma diante dos atrativos da cultura digital. Fascinados pelos celulares da última geração, com acesso a jogos, vídeos, fotos, redes sociais e notícias instantâneas” (SILVA, 2022, p.121).

A declaração da autora revela a necessidade de revisitação às práticas de ensino, tendo em vista a crescente ascensão do meio digital que temos vivenciado, que resulta em novas formas de linguagem, novos meios de comunicação, de leitura e até de apreensão do conhecimento. Isso explica a fala da autora, sobre os alunos já não aprenderem mais da mesma forma. Quanto a isso, Lévy (2010) cita algumas das inovações das Tecnologias da Informação e Comunicação Digital como as relações interpessoais mantidas a distância, através da rede, a escrita compartilhada e colaborativa nas *wikis*⁵, os percursos de leitores/navegadores na web, as múltiplas potencialidades dos hipertextos, os diferentes tipos e formatos de *e-books* e os repositórios e bibliotecas virtuais.

⁵ Em informática, o *web wiki* (['wiki], do havaiano "super veloz") é um sistema de gestão de conteúdo e também uma linguagem de marcação utilizada em website que contém hipertexto e hiperligações que trabalham com o software wiki, no qual vários usuários modificam/editam colaborativamente ao mesmo tempo o seu conteúdo e/ou a estrutura com a ajuda de um editor de texto enriquecido.



Para endossar e reiterar ainda mais a influência das TICD na vida dos adolescentes e jovens, chamados por Prensky (2001) de *nativos digitais*⁶, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2021, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que entre os 183,9 milhões de pessoas com dez ou mais anos de idade no país, 84,7% utilizaram a *Internet* no período de referência da PNAD TIC – tecnologia da informação e comunicação –, o que aponta a grande adesão a esse meio, desde a infância. As estatísticas ainda assinalam que entre os estudantes esse percentual é ainda maior: 90,3%, sendo 98,2% para os da rede privada e 87,0% para a rede pública de ensino. Ainda de acordo com o estudo, em 2021, a *Internet* esteve presente em 90% dos domicílios do Brasil, com alta de seis pontos percentuais frente a 2019, quando 84,0% dos domicílios tinham acesso à grande rede. Isso nos mostra o grande alcance das Tecnologias da Informação e Comunicação Digital (TICD, como chamaremos a partir deste ponto) na vida de todos os brasileiros, inclusive dos alunos de escola pública.

Essa relevância das mídias digitais no âmbito educacional ficou ainda mais clara com a publicação recente da Lei nº 14.533, de 2023, que instituiu a Política Nacional de Educação Digital (PNED)⁷, que tem por finalidade potencializar os padrões e incrementar os resultados das políticas públicas relacionadas ao acesso da população brasileira a recursos, ferramentas e práticas digitais, priorizando as populações mais vulneráveis (BRASIL, s/p, 2023). Em decorrência disso, também foi acrescido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu artigo 4º, o parágrafo XII, no qual a educação digital passa a ser considerada *dever do Estado*. Dessa maneira a lei fomenta o uso das tecnologias digitais no âmbito escolar, indicando que o Estado deve garantir conectividade em alta velocidade a *todas as instituições públicas de ensino*, para que os professores possam utilizá-la pedagogicamente com efetividade.

Diante disso, acreditando na relevância de pensarmos na criação de novos ambientes de incentivo à leitura, através das práticas digitais, nos propomos neste artigo a evidenciar alguns dos benefícios que as mídias digitais têm oferecido (e podem oferecer) ao ensino de literatura, principalmente no que diz respeito à formação de leitores. Para tanto, apresentaremos quatro dissertações em que os docentes inseriram em sala de aula práticas híbridas de ensino, adotando metodologias que podem ser transpostas para outras disciplinas, o que amplia estas discussões para a educação e o ensino, de forma geral. Também traremos neste artigo práticas informais, sem intuito necessariamente pedagogizante, que tem incentivado a leitura e criado comunidades leitoras na *Internet*, a fim de comprovar, de certa maneira, a efetividade desse meio quando pensado para alcance do público adolescente e jovem, tornando-se um caminho possível, também, quando pensamos no contexto escolar. Entretanto, antes disto, apresentaremos dados de nossa pesquisa que revelam um problema que nos distancia de colher os frutos dessas práticas híbridas: o fato de que as mídias digitais ainda permanecem, de modo geral, distantes do contexto escolar, não tendo lugar nas práticas docentes.

⁶ O autor chama de *nativos digitais* os sujeitos nascidos na era de grande desenvolvimento das tecnologias digitais, que recorrem às fontes *web* em primeiro lugar para obter toda e qualquer informação.

⁷ Lei nº 14.533, Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional de Educação Digital (PNED), que se estrutura a partir da articulação entre programas, projetos e ações de diferentes entes federados, áreas e setores governamentais, a fim de potencializar os padrões e incrementar os resultados das políticas públicas relacionadas ao acesso da população brasileira a recursos, ferramentas e práticas digitais, com prioridade para as populações mais vulneráveis.



2 O (NÃO) LUGAR DAS MÍDIAS DIGITAIS NAS ESCOLAS

Apesar da clara relevância que a *Internet* tem adquirido em todo o contexto brasileiro, inclusive na educação, como vimos até aqui, ao nos determos ao ensino de literatura, especificamente, percebemos que o uso das mídias digitais, para o fomento à leitura e a consequente formação leitora, parece ser ainda uma utopia em muitos contextos escolares, e até mesmo no meio acadêmico de Letras, no qual professores se preparam e se qualificam para adentrar em sala de aula. Prova disso é o levantamento feito em nossa pesquisa de doutorado com os principais programas de Pós-Graduação de Letras da Paraíba, com base nas três maiores universidades públicas do Estado, UFPB, UFCG e UEPB⁸. Utilizaremos os dados levantados para evidenciar como as mídias digitais estão pouco inseridas nas práticas de leitura escolares, considerando a ascensão tecnológica em nosso tempo hodierno.

Analisando um período que compreende dez anos, em cada um dos Programas citados, o levantamento nos fez perceber que o número de pesquisas que utiliza práticas *on-line* para auxiliar à leitura em sala ainda é mínimo. Em relação a isso, na UFPB, por exemplo, de 2014 a 2024, encontramos apenas cinco pesquisas que envolvem mídias digitais ao ensino de literatura, de um total de quatrocentos e sete dissertações e teses. Na UFCG, de 2010 a 2020, somente duas, das duzentas e quarenta e quatro pesquisas; e na UEPB, de 2009 a 2019, apenas três dissertações, do total de cento e setenta e nove. Teríamos, então, apenas dez pesquisas de literatura⁹ que envolvem as mídias digitais no ensino ou na leitura, num total de oitocentos e trinta pesquisas nas três universidades do Estado.

Percebemos, então, que os números são quase irrelevantes diante das dissertações e teses produzidas no período, o que aponta a carência de práticas educativas que mesclam as tecnologias digitais ao ensino de literatura, e, mais especificamente, à leitura. Ademais, também percebemos, através disto, a necessidade de fomento a pesquisas que envolvam as práticas digitais no ensino de literatura e busquem perceber como e se as TICD podem ser um caminho possível e viável para o ensino de literatura e a consequente formação de leitores. Esta tida, inclusive, como objetivo precípua da educação básica pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que indica em seu artigo vinte e dois, parágrafo único: “São objetivos precípuos da educação básica a alfabetização plena e a *formação de leitores*, como requisitos essenciais para o cumprimento das finalidades constantes do caput deste artigo” (BRASIL, 2023, grifos nossos).

Fato é que muitos docentes parecem lutar contra a inovação tecnológica em sua prática em sala de aula, contudo, concomitantemente, os alunos recorrem as mídias digitais até mesmo nesse ambiente, como Silva declara:

Enquanto o professor de literatura luta para chamar a atenção dos estudantes durante as aulas, eles navegam nas redes sociais, fotografam, filmam,

⁸ Respectivamente, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Campina Grande e Universidade Estadual da Paraíba.

⁹ Ainda é necessário afirmar que nem todas as pesquisas, das dez encontradas, inserem a mídia digital em práticas reais de ensino, mas utilizam as TICD como meio importante no campo de pesquisa literário, senão, o número aqui seria ainda mais reduzido.



registram selfies, enviam mensagens no WhatsApp, jogam *games on-line*, enfim, usam as tecnologias na própria sala de aula, sem finalidade didático-pedagógica (SILVA, 2022, p.123, grifos da autora).

Como a autora afirma, enquanto os professores lutam para “chamar a atenção” dos alunos na sala de aula, a *Internet* já detém seu interesse, já conquistou um lugar em suas vidas, o que pode deixar de ser um problema, como muitos acreditam, e passar a servir como método de ensino aprendizagem. Ao invés dos alunos utilizarem as mídias sem finalidade pedagógica, como menciona Silva no excerto, eles poderiam utilizá-la com um intuito definido e planejado pelo professor, como veremos mais adiante. Entretanto, para que possamos perceber o poder de influência que a *Internet* pode ter sobre jovens e adolescentes, refletiremos, inicialmente, sobre práticas sem intuito pedagogizante que têm incentivado esses públicos à leitura; essa discussão se faz necessária para que tenhamos a clareza de que utilizar as mídias digitais em nossa prática docente pode se constituir como uma opção viável não só para interessar os alunos, mas para chegarmos a objetivos precípuos de ensino.

3 OS INFLUENCERS CONTRIBUINDO PARA A FORMAÇÃO LEITORA?

Hoje, muitos estudantes se interessam por *blogs*, *instagram's* ou páginas em que *influencers*¹⁰ discutem suas leituras. Um exemplo disto é a rede social do influenciador Pedro Pacífico, formado em direito e apaixonado pela leitura, como ele mesmo intitula. O advogado tem hoje mais de quatrocentos e oitenta mil seguidores no seu perfil do *Instagram*, nomeado de *Book.ster*, onde compartilha suas experiências literárias.

Numa entrevista para O Globo (2022) Pacífico afirmou: “Ao meu redor, não havia tanta gente que gostasse de ler. Criei um espaço para conversar com as pessoas, compartilhar minhas experiências”. Na fala do influenciador, percebemos o intento de criar um espaço onde pudesse compartilhar e socializar suas leituras, princípio que encontramos nos círculos de leitura de Cosson (2014) ou na leitura compartilhada, proposta por Colomer (2007); a diferença, nesse caso, reside no fato de que o meio *on-line* é tido como suporte para tal feito. O perfil do *influencer* na rede social é dotado de resenhas de diferentes livros, e muitos deles renomados pela crítica e considerados de qualidade literária, com títulos como *Salvar o fogo*, de Itamar Vieira Júnior, *Água de Barrela*, de Eliane Alvez Cruz, *O Alienista*, de Machado de Assis, *O Diabo e outras histórias*, de Tolstói, etc.

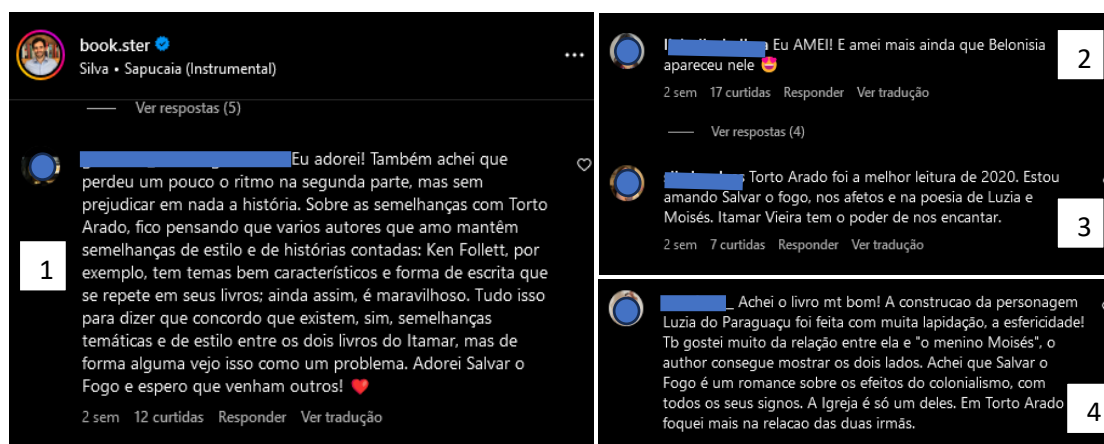
Com essa pequena amostra, percebemos a variedade de obras literárias que Pacífico tem feito chegar na “tela” de tantos brasileiros, fazendo com que livros tão renomados e até mesmo mais restritos, em certo sentido, ao meio acadêmico, cheguem a um grande público, sem restrições de idade, raça, cor ou grau de escolarização. Ademais, é importante mencionar que estas redes sociais possibilitam que os usuários compartilhem suas próprias leituras não só com o influenciador, mas com os outros seguidores, o que vemos a seguir, através da postagem sobre o livro *Salvar o Fogo*, de Itamar Vieira Júnior,

¹⁰ A nomenclatura se refere a criadores de conteúdo na *Internet* que através de suas páginas ou redes sociais influenciam os seguidores a consumir determinados conteúdos, produtos etc.



onde encontramos uma espécie de compartilhamento de leitura dos seguidores a partir da resenha do dono da página sobre a obra, como observamos na figura 1 a seguir:

Figura 1: Comentários na postagem sobre *Salvar o Fogo*



Fonte: Retirado do *Instagram Bookster*, rede social de Pedro Pacífico

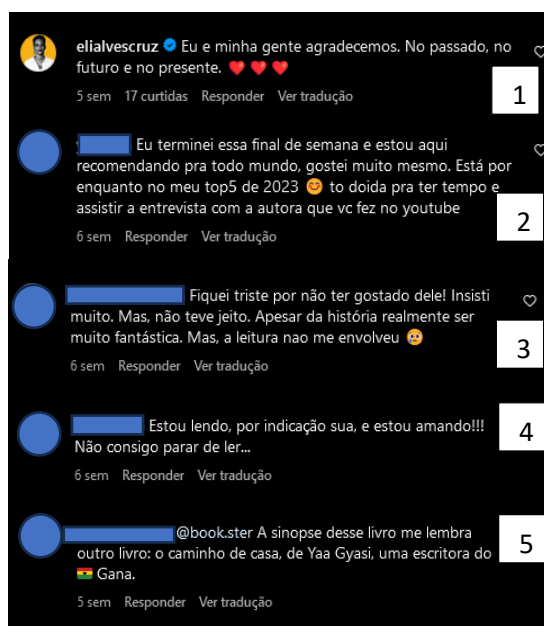
No comentário um, percebemos um diálogo do usuário com a fala de Pacífico, feita em seu vídeo de resenha: “Também achei que perdeu um pouco o ritmo na segunda parte”; “Sobre as semelhanças com *Torto Arado* [...]”. Ademais, o seguidor traz outra leitura de Itamar Vieira Júnior (*Torto Arado*), acrescentando outro autor (Ken Follett) a fim de estabelecer comparações com o livro indicado na postagem. Apesar destas interações não terem qualquer cunho didático ou pedagogizante, percebemos que o usuário compartilha um pouco de sua recepção e dialoga com a leitura de Pacífico, estabelecendo comparações. Os comentários 2 e 3, apesar de mais sucintos, denotam a recepção positiva dos dois usuários ao livro; no 2 inferimos que o usuário já realizou a leitura através do “Eu amei!”; no comentário 3, por sua vez, pressupomos que a leitura está sendo feita (“Estou amando *Salvar o fogo*”). O comentário 4, traz considerações sobre a construção das personagens e sobre o tema, além de fatores de recepção relacionados aos efeitos estéticos causados pela obra (“Tb gostei da relação entre ela e “o menino Moisés”, o autor consegue mostrar os dois lados”). A postagem contém mais de cem comentários, mas, através destes quatro, podemos perceber que há uma socialização da leitura feita por estes usuários, existe um diálogo que se estabelece entre eles e Pacífico, e, sendo o *Instagram* uma plataforma pública, há também uma interação destes seguidores com todos os outros que podem visualizar essas recepções.

Uma prática costumeira de Pacífico em sua rede social é a resenha de livros, o que faz mensalmente. Destacamos a relevância dessa iniciativa, tendo em vista que ao compartilhar sua recepção sobre determinada obra, também influencia e incentiva seus seguidores a realizarem a leitura. Nesse sentido, evidenciamos o livro *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz, resenhado em março de 2023 pelo criador de conteúdo. A indicação da leitura do autor em relação a obra, de tanta qualidade estética e literária, faz-se muito relevante, tendo em vista que, por vezes, essa não seria uma leitura feita comumente por grande parte dos adolescentes, além da relevância do tema para a história brasileira (ele



traz discussões sobre o período de escravização que marcou o Brasil). Além disso, quanto a postagem do livro de Cruz, a interação dos seguidores foi de cento e dez comentários, sobre os quais apresentamos um pequeno recorte na Figura 2, a seguir:

Figura 2 – Comentários na postagem do livro *Água de Barrela*



Fonte: Retirado do *Instagram* Bookster, de Pedro Pacífico, adaptado pelo autor

Inicialmente, percebemos a presença da própria autora do livro, no comentário 1, afirmando: “Eu e minha gente agradecemos. No passado, no futuro e no presente (dois corações)”. A autora provavelmente se refere a toda a população negra, contemplada no livro através da história que os marcaria para sempre, a escravidão. De certa maneira, podemos supor que a autora agradece, também, a indicação e divulgação de sua obra; ademais, a sua presença na rede social de Pacífico revela, também, a autoridade e credibilidade que o influenciador adquiriu no meio literário, conseguindo, inclusive, entrevistar autores renomados da literatura brasileira em seu podcast *Daria um livro* como Milton Hatoum, Socorro Acioli, João Silvério Trevisan, Andrea Del Fuego e Eliana Alvez Cruz. Destacamos, portanto, a relevância que a iniciativa deste leitor em compartilhar suas experiências literárias teve e tem para que uma boa literatura possa chegar a todos os públicos, incluindo jovens leitores.

Prova disto é o comentário 4, no qual nos deparamos com um seguidor que inicia a leitura do livro por indicação do *influencer* (“Estou lendo por indicação sua e estou amando!!! Não consigo parar de ler”). Já no comentário 2, o usuário declara que leu a obra e que, tendo gostado da leitura, está indicando para outros (“Eu terminei esse final de semana e estou aqui recomendando para todo mundo”). Também vemos um seguidor (em 5) que faz associações, através da sinopse, com outra obra de autora negra que achou similar a indicação de Pacífico; por fim, temos a recepção de um seguidor que não gostou do livro, afirmando que a história não o envolveu. Notamos, através disso, tanto o poder de influência de Pacífico em relação aos seguidores, quanto o fato de que estes acabam



utilizando a rede social como meio de compartilhar suas impressões e leituras sobre os textos indicados, inclusive influenciando outros a lerem ou não tal obra. Portanto, como não concordar que a *Internet* tem contribuído para influenciar leitores? Ou ainda, como afirmar que o meio digital não pode ajudar na formação leitora, de alguma maneira?

Fato é que esse diálogo que tem ocorrido na *Internet* reflete o que Colomer (2007, p.106) conceitualiza como método para sala de aula, a leitura compartilhada, que, segundo ela, é a base da formação de leitores. Esta metodologia está fundamentada no fato de que essa partilha coletiva torna possível que os alunos se beneficiem das competências uns dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Ademais, ela também permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que os estudantes se sintam parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas (Colomer, p.143), tendo em vista, também, que mesmo quando lemos sozinhos, nossa interpretação já está dotada de outras vozes, crenças e valores adquiridos em conjunto. Assim, as mídias digitais, mesmo através de páginas aparentemente sem fins educativos ou pedagógicos, estão incentivando a leitura e aproximando diferentes leitores e leituras.

Destacamos, também, como a diversidade de autores e leituras encontrada no perfil de Pedro Pacífico é relevante para um leitor em formação, pois alarga seu horizonte de expectativas, uma das questões mencionadas por Bordini e Aguiar (1988) como ponto importante nas escolhas de leitura para sala de aula. As autoras também apontam outras questões relevantes quando consideramos o ensino de literatura:

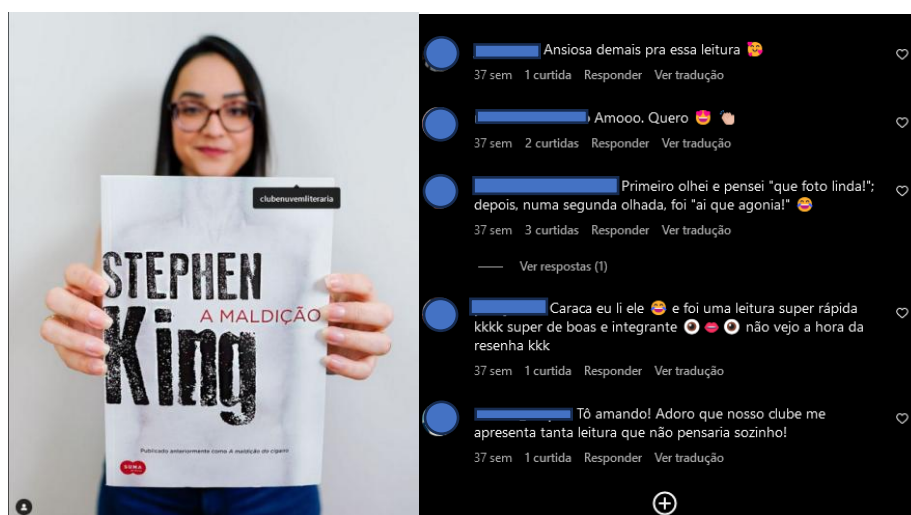
- 1) efetuar leituras compreensivas e críticas; 2) ser receptivo a novos textos e a leituras de outros; 3) questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural; 4) transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social (BORDINI e AGUIAR, 1987, p.86).

Considerando especificamente o último ponto, transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social, vemos o destaque que o compartilhamento de leituras adquire, não só na instância escolar, mas social, de maneira geral, tendo em vista a visão das autoras de que deve haver um debate constante do aluno (de forma escrita e oral) consigo mesmo, com os colegas, com o professor e também com os membros da comunidade. A referência a este último revela esse caráter social do método idealizado pelas autoras, que não o pensam apenas restrito ao ambiente escolar, mas visam a sua aplicação de modo abrangente a contribuir com a sociedade. Por isso, afirmam que “o método é, portanto, eminentemente social, ao pensar o sujeito em constante interação com os demais, através do debate e ao atentar para o aluno como sujeito da História” (BORDINI e AGUIAR, 1988, p.86). De acordo com esta visão, percebemos como é importante que haja a socialização da leitura para além do ambiente escolar, e acreditamos que o universo *on-line* seja um ambiente em que essa proposta está sendo cumprida, tendo em vista que as redes sociais têm sido palco para que leituras sejam compartilhadas e, de certo modo, uma comunidade leitora tem sido criada, mesmo que de maneira informal e sem esta pretensão.



Outro exemplo de espaço digital que incentiva a leitura foi criado por Ju Cirqueira, formada em Letras e com quase trezentos mil inscritos em seu canal no *Youtube* e cento e vinte e mil inscritos em seu *Instagram*, onde compartilha, em ambos, suas leituras, fazendo resenhas e indicações de obras literárias, principalmente *best-sellers* e literatura *Young Adult*. Ademais, destacamos, na rede social da influencer, o clube de leitura criado por ela, que ocorre de maneira *on-line* através do *Telegram*¹¹. Por ser realizado via *Internet* o alcance de leitores acaba sendo muito maior, e é instigante saber da existência deste projeto, o que nos comprova que a leitura está chegando a muitos brasileiros, e, de certa maneira, sendo democratizada. Na figura a seguir, por exemplo, nos deparamos com uma postagem na qual Cirqueira revela o livro a ser comentado no Clube Nuvem Literária do mês, como vemos na Figura 2:

Figura 3 – Postagem sobre o Clube Nuvem Literária



Fonte: *Instagram* de Ju Cirqueira

No recorte, percebemos a interação de alguns seguidores, como: “Ansiosa demais para essa leitura” e “Amoooo. Quero”, o que mostra a boa aceitação do livro indicado pela influenciadora. Ademais, um usuário demonstra já ter feito a leitura, afirmando que a mesma foi fácil, rápida e intrigante, e, apesar de já ter lido a obra, afirma estar ansiosa para ver a resenha de Cirqueira. Por fim, o último comentário, de um possível membro do Clube, traz uma questão relevante: “Tô amando! Adoro que nosso clube me apresenta tanta leitura que não pensaria sozinho!”. Assim, percebemos que o seguidor se apropria desse espaço *on-line* de leitura através da expressão “nosso clube”, o que demonstra um certo afeto e apego ao espaço de compartilhamento do qual participa; também afirma, de certa maneira, que há um alargamento do seu horizonte de expectativas através desse espaço coletivo, pois faz leituras que costumeiramente, sozinho, sem indicação, não faria.

Assim, mesmo que algumas destas obras não sejam aquelas que nós, enquanto professores, consideraríamos mais “adequadas”, ou formalmente e esteticamente as

¹¹ *Telegram* é um serviço de mensagens instantâneas baseado na nuvem e está disponível para smartphones ou tablets, computadores e também como Aplicação web. Os usuários podem fazer chamadas com vídeo, enviar mensagens e trocar fotos, vídeos, autocolantes e arquivos de qualquer tipo.



“melhores opções”, fato é que a leitura está sendo incentivada e leitores estão sendo formados. Sobre isso, Bortoluzi (2022) afirma sobre a literatura *Young Adult, Jovem Adulta*, muito presentes nestas redes sociais até aqui apresentadas:

Muito embora esta ainda seja considerada por muitos uma literatura menor, a sua força parece ser tão significativa que, embora a escola e a academia persistam fechando suas portas principais para sistematizar seu estudo, ela segue encontrando terrenos para sedimentar suas comunidades interpretativas (FISH, 1982), notoriamente em meios digitais. Como exemplo, temos os muitos Booktubers, Bookgrams, Booktokers e *Bloggers* que surgem diariamente e formam enormes e fecundas comunidades de leitores (CHARTIER, 2001) nessas plataformas com o fim de discutir e compartilhar as experiências de leituras por elas provocadas (BORTOLUZI, 2022, p.54).

Assim, apesar de não ser o intuito de nossas discussões refletir sobre a qualidade ou não deste tipo de literatura, queremos evidenciar o que Bortoluzi traz à tona em sua ideia: o espaço escolar, na medida em que se fecha para esse tipo de leitura que, muitas vezes, faz parte do universo infantil e juvenil, abre caminhos para que os alunos busquem esse tipo de leitura nos meios digitais, através de espaços que valorizem e incentivem esse tipo de leitura; ademais, a autora ainda afirma que são *criadas enormes e fecundas comunidades de leitores nos espaços on-line*, o que pudemos vislumbrar, mesmo que rapidamente, nos exemplos até aqui mencionados.

Assim, se esses espaços informais têm contribuído de maneira efetiva para o incentivo à leitura, do mesmo modo, professores podem valer-se destas ferramentas digitais a fim de interessar seus alunos na literatura, visando a formação leitora. Nesse caso, o professor, no papel também de formador, poderá escolher leituras que considere de qualidade para fazer com que seu aluno possa entrar em contato com uma literatura diferente da que pode estar habituado, que talvez sejam os *best sellers*, a literatura jovem adulta etc. E é sobre algumas dessas experiências docentes que discorreremos no tópico seguinte.

4. BENEFÍCIOS DAS MÍDIAS DIGITAIS PARA A LEITURA E O ENSINO DE LITERATURA

Vimos algumas experiências em redes e mídias sociais, sem intuito didático ou pedagógico, que estão se constituindo como espaços de incentivo à leitura e seu compartilhamento. Mas também se faz necessário observar os benefícios que as TICD têm conferido ao ensino de literatura, com base em pesquisas científicas e empíricas. Por isso, selecionamos quatro dissertações¹², que, de maneiras distintas, inserem as mídias digitais e identificam diferentes benefícios no âmbito do ensino de literatura.

Iniciamos as discussões através da dissertação *Leitura literária e deficiência visual no contexto das mídias digitais* (2015), de Sydnei Vicente de Andrade. O autor da pesquisa, tendo tido a experiência de leitura visual durante parte da vida e tendo perdido paulatinamente esse sentido (visão), mostra-nos como os dispositivos eletrônicos, munidos de softwares de leitores de tela, auxiliam na leitura por pessoas cegas. Ele afirma

¹² As dissertações foram retiradas de Programas de Pós-Graduação de Letras do Estado da Paraíba, considerando o recorte que mencionamos neste artigo no tópico 2.



que essas *audioleituras eletrônicas*, como intitula, trazem aos ouvidos, por meio de simulação, o que está disposto em sinal luminoso, que é convertido e traduzido em sinal ruidoso, valendo-se de uma dupla qualidade verbal, tanto sonora, quanto gráfica; assim, a mediação entre pessoas com deficiência visual e livro escrito torna-se possível na medida de uma conversão entre potencialidades linguísticas (ANDRADE, 2015, p.57).

O autor afirma que, desde que perdeu o sentido da visão, não conseguiu se adaptar com a leitura de audiolivros. Segundo ele, o fato se deve a necessidade de sentir que a leitura que está realizando é inteiramente sua, individualizada, no sentido de não depender de outra pessoa, ainda que indiretamente. Ainda afirma que nesse tipo de leitura (audiolivro), por mais que ela possua o mínimo de performatividade possível, para ele, é como se não ouvisse a obra que quer ler, mas sim a interpretação dela, o que o leva a optar pelo outro método (audioleituras eletrônicas).

Ademais, o autor narra na pesquisa sua experiência de leitura com a obra *Triângulo das Águas*, de Caio Fernando Abreu, apontando alguns dos benefícios e problemas que enfrenta para realizar essa atividade através do aplicativo escolhido, o *Voice Dream Reader*¹³. Através desse software, Andrade afirma que pode adquirir diferentes vozes para realização da leitura, ajustar a velocidade de palavras por minuto que deve ser lida, retroceder ou avançar pequenos trechos de leitura, de trinta em trinta segundos, etc. Ele também argumenta que o programa é um dos poucos que permite que a leitura em dispositivo móvel continue sendo feita mesmo com a tela bloqueada, apresentando botões idênticos ao de um player de áudio, com os quais se pode pausar a leitura do mesmo modo que pausaríamos uma música. Nesse ponto, ele afirma que, para um leitor cego, essa é uma característica essencial, pois “também permite que o leitor trate o arquivo que está sendo ‘audiolido’ na medida de um material que não precisa necessariamente da visão para ser consumido” (ANDRADE, 2015, p.112).

Assim, através dessa possibilidade de leitura, Andrade vê a mídia digital como uma *máquina inclusiva e universalizante*, já que esta possibilita o acesso sonoro para quem não dispõe da visão. Ele afirma:

Assim, munido de um dispositivo eletrônico que proporciona a possibilidade de transitar entre mundos gráficos pensados para encher os olhos, um sujeito que não enxerga tem nas mãos os meios técnicos suficientes para exercitar sua desenvoltura social, dependendo o mínimo possível de olhos alheios (ANDRADE, 2015, p.58).

Percebemos, então, que, segundo o autor, esse tipo de leitura traz ao indivíduo a possibilidade de vivenciar uma experiência literária sem tantos “ruídos externos”, ou seja, sem a interferência de outros nesse processo. Desse modo, vemos os benefícios das mídias digitais para a educação inclusiva, de modo que as audioleituras eletrônicas, através de diferentes softwares e aplicativos, se tornam mais uma opção de leitura possível para portadores de necessidades especiais, podendo ser utilizadas em contextos escolares além das opções do Braille ou de audiolivros.

¹³ Aplicativo capaz de ler em voz alta: artigos, documentos e livros. Com o seu avançado conversor de texto em fala e a sua variedade de configuração de layouts visuais, possui instrumentos para ler quase todos os tipos de documentos.



Já na dissertação *Ciberliteratura na mira da instituição literária: o Orkut e as formas de literariedade no ciberespaço* (2011), de Flávio Aurélio Tenório de Asevêdo, notamos como as TICD permitem que a escrita literária seja vista como um processo mais democrático e autônomo nesse contexto midiático. O autor se detém a analisar a produção de textos literários na rede social *Orkut*, identificando alguns benefícios que consideramos que podem ser transpostos para outros suportes mais atuais, como *Facebook* e *Instagram* (tendo em vista que a produção e compartilhamento de textos literários continua sendo feita nesses meios). Como vemos na tabela 1, a seguir, o autor indica que a escrita, nesses espaços virtuais, possui diferentes ganhos que não são próprios do suporte primário, o livro impresso, que seriam:

Tabela 1- Benefícios da escrita literária em espaços virtuais

1. A adição de outros elementos ao texto, como imagem e som;
2. A possibilidade de publicação e divulgação imediata;
3. A possibilidade de qualquer internauta se tornar um potencial escritor, dada a abrangência do ciberespaço;
4. O distanciamento de quem escreve e quem lê é sublimado pela interatividade proporcionada pela telemática.

Fonte: Asevêdo (2011)

Dentre os benefícios, destacamos o último ponto da Tabela 1, que se refere ao *estreitamento da relação entre escritor e leitor*¹⁴, pois ambos têm a possibilidade de interagir de forma rápida e “menos distanciada” através do ciberespaço (comentários, stories, feed etc). Ademais, a rede social é uma opção gratuita de publicar um texto de modo mais informal e desprezioso. Nesse sentido, é comum que alguns alunos se aproximem dos professores para que leiam um poema ou conto de sua autoria, e as redes sociais se constituem como um meio de incentivo a essas produções e ao compartilhamento delas em sua rede de amigos.

Quanto a isso, Silva (2022, p.119) aponta que as redes sociais, *e-books*, *blogs* e *fanfics* estão despertando a atenção dos jovens e se constituindo como espaços para práticas de linguagens e letramentos. Assim, a *web* tem propiciado não só a rápida troca de informações, mas também a participação colaborativa dos internautas, por meio de ferramentas que favorecem a aprendizagem em rede e a autoria coletiva, como é o caso do gênero *fanfiction*¹⁵, através do qual diferentes usuários conseguem (re)escrever textos, juntos, sobre suas séries, livros ou filmes favoritos.

¹⁴ Sobre isso, destacamos, inclusive, o fato de muitos escritores de literatura terem, hoje, contas nas redes sociais, o que possibilita que os leitores os acessem com mais facilidade.

¹⁵ Trata-se de uma retextualização de um produto midiático como séries, filmes, livros entre outros, que possibilita diversas versões do produto original. É comum que os jovens publiquem seus textos em sites específicos para compartilhar a leitura com outros possíveis leitores (MORAES, ROSA, 2022, p.7).



Além destes pontos apontados por Asevêdo, a pesquisa *Metalinguagem e ensino: Vivência com poemas de Ferreira Gullar* (2010), de Caroline Mabel Macedo Santos Martins, nos traz, de modo muito claro, diversos benefícios de uma experiência híbrida realizada pela docente com alunos de 1º ano de ensino médio de uma escola pública da Rede Estadual de Campina Grande-PB. A professora criou um *blog* como auxílio as aulas de literatura, e relatou como a ferramenta trouxe ganhos para o incentivo à leitura e a formação leitora.

Um dos benefícios apontados pela autora foi a possibilidade de *estender e resgatar as discussões dos textos lidos em sala no espaço virtual*. Ela relata, como exemplo, que o *blog* permitiu reavivar uma discussão que tinha sido iniciada em sala em relação ao poema *Bilhete*, de Quintana, mas que tinha se dirimido na aula. Ela afirma que a interpretação de uma aluna sobre o poema em questão, de que o eu lírico estaria escrevendo o bilhete para uma amante, a pega de surpresa, e faz com que não considere adequadamente a recepção da aluna, em sala. Assim, possuir essa ferramenta virtual, proporcionou a docente a oportunidade de *rever sua própria postura enquanto docente e leitora* (outro benefício), revisitando sua interpretação sobre o texto e criando o espaço no *blog* que não conseguiu em sala, no qual pudesse valorizar o que foi dito e estimular que a turma compartilhasse suas ideias sobre tal interpretação da aluna.

A docente também utiliza o *blog* como estratégia, tanto para *criar interesse nos alunos pelas leituras seguintes*, como para *instigá-los a compartilhar suas leituras virtualmente*. Antes da leitura do poema *Carta de amor*, de Fernando Pessoa, que seria feita na aula seguinte, a professora realiza uma postagem no *blog* com uma foto dotada de cartas de envelope coloridos (os poemas estavam nelas), incitando a turma a adivinhar o que teria dentro delas. Já após a leitura do poema em sala, retoma as discussões do texto no meio virtual:

IMPORTANTE!!!!!!!

Agora eu quero saber: todas as cartas de amor são mesmo ridículas?

Seja qual for a resposta, tem que argumentar viu?

Quem já escreveu ou recebeu uma carta de amor e quer compartilhar com a gente? (MARTINS, 2010, p.98)

A docente insere os primeiros versos do poema (“Todas as cartas de amor são/Ridículas”), impactantes, como elemento instigador da discussão no *blog*, mas também sugere que eles falem, nos comentários, de suas próprias experiências (Quem já escreveu ou recebeu uma carta de amor e quer compartilhar com a gente?). Assim, novamente a ferramenta é utilizada para que o texto lido em sala seja revisitado, revivendo as discussões feitas em classe; ademais, outros tipos de compartilhamento são instigados, envolvendo, inclusive, as experiências pessoais dos alunos.

Para fins didáticos, elencaremos na Tabela 2 outros benefícios mencionados pela docente em sua experiência:

Tabela 2- Benefícios do *Blog* para o ensino de literatura

- | |
|--|
| 1. Possibilidade de inserir informações adicionais sobre os textos lidos (um fato, uma pessoa, história sobre a época, o autor etc); |
|--|



2. Ampliação das leituras dos alunos com mais textos de diferentes épocas e autores;
3. A liberdade de expressão e autonomia dos estudantes neste tipo de mídia digital;
4. Divulgação de eventos, congressos ou datas importantes;
5. Participação mais ativa da turma (inclusive de alunos mais tímidos e menos participativos em sala)
6. Possibilidade de rever/refazer/complementar as recepções iniciadas em classe
7. Mais um espaço de compartilhamento de leituras e recepções
8. Revisitação da prática pedagógica docente e possibilidade de ajuste quanto a atitudes e métodos

Fonte: Martins (2010)

O segundo benefício, apontado por Martins (2010), se constitui como um dos grandes ganhos que as mídias digitais podem possibilitar ao ensino de literatura. Diversos autores e professores afirmam como é importante o lugar da leitura nas aulas de literatura, e, mais ainda, possibilitar diferentes textos, de diferentes autores e épocas, como afirma Cosson (2014), quando indica que o conhecimento das várias formas de composição dos textos e de seus vários tipos permite que o leitor se movimente entre eles e construa um repertório que servirá de parâmetro para suas próximas leituras. Maria (2016, p.78) também indica que para ampliar a competência leitora dos alunos o caminho possível é estimulá-los a ler mais, oferecer uma ampla gama de leituras e dedicar mais tempo do currículo na promoção da leitura. Nesse sentido, uma ferramenta como o *blog* pode dirimir o problema do tempo limitado das aulas para a leitura, possibilitando que suportes como esse sejam um espaço a mais para ofertar mais obras e textos literários para que o aluno leia, também, em contextos extraescolares.

Também destacamos os pontos três e cinco, na Tabela 2, que se aproximam, de certo modo. *A liberdade de expressão e autonomia dos estudantes na mídia digital*, diz respeito a autonomia e liberdade que os alunos costumam sentir nesse tipo de plataforma *on-line*, justamente por não estarem sob o “julgamento” dos colegas e do professor¹⁶. Já o tópico cinco, *participação mais ativa da turma no blog*, parece ser uma consequência da liberdade que mencionamos anteriormente. Com a autonomia que os alunos sentem no ambiente digital, participam mais ativamente do *blog*, compartilhando suas ideias e leituras. Ademais, a professora relata que o constrangimento de falar em público (em sala), fazia com que muitos dos alunos se calassem na aula, mas considerassem o espaço virtual como “mais seguro” para interagir e inserir suas ideias¹⁷.

¹⁶ “O *blog* era um instrumento significativo porque fazia os leitores voltarem ao poema sem a pressão de estarem rodeados pelos olhos e ouvidos do professor e dos colegas” (MARTINS, 2010, p.109).

¹⁷ “A maior parte dos leitores da turma ficava nitidamente constrangida ao ter de falar em público, especialmente quando faziam alguma “análise” de si mesmos. Já no papel, ou no *blog*, eram capazes de nos fornecer dados bem significativos para a pesquisa, daí por que no detivemos mais nestas fontes escritas que na oral (gravações das aulas)” (MARTINS, C., 2010, p.188).



Para além disso, o *blog* ajudou os alunos a revisitarem suas primeiras impressões sobre o texto (ponto seis, da Tabela 2), como Martins (2010) afirma:

Assim, podiam rever suas hipóteses de leitura com mais calma, confrontar seu modo de ler com o dos outros, preencher espaços ainda vazios, e até mudar sua visão em relação ao texto, passando a gostar dele, ou mesmo rejeitando-o ao deparar-se com compreensão nova de leitura. Talvez muito mais do que na sala de aula, ali os leitores conseguiam ser eles mesmos. (MARTINS, 2010, p.109).

Percebemos, então, que a ferramenta *on-line* auxiliou os alunos não só a terem mais um espaço para compartilhar suas leituras (ponto 7, na tabela 2), mas também a refletir mais detidamente sobre sua própria recepção e sobre a dos outros, refazendo, por vezes, sua interpretação. Segundo Colomer (2007, p.144), comparar a leitura individual com a realizada por outros é o instrumento por excelência para construir o itinerário entre a recepção individual das obras e sua valorização social, por isso a importância deste compartilhamento de leituras, seja em sala, seja no ambiente virtual. Assim, quando um aluno socializa sua “recepção individual” com a turma (as aspas estão aqui para nos lembrar da polifonia de nossas vozes), ele permite que os outros ressignifiquem essa leitura, contestem, modifiquem, complementem ou a reafirmem.

Destacamos, ainda, uma das falas de Martins, que representa um grande benefício das mídias digitais: “o *blog* nos ofertava a possibilidade de ponderar nossas atitudes e de corrigir nossos excessos” (MARTINS, 2010, p.203, grifos nossos). Ter esse espaço virtual como auxílio a sala de aula, possibilita ao professor refletir sobre sua prática docente, e, não somente isso, mas ainda permite que ele possa tomar atitudes práticas para dirimir possíveis faltas, erros ou condutas inadequadas em sala (ponto oito, na Tabela 2). A professora ainda considera que através do espaço virtual conseguiu ofertar aos alunos mais do que poderia, se considerasse só as aulas presenciais, tanto no que diz respeito a quantidade de poemas oferecidos, quanto em diversidade de recursos (referindo-se ao fato dos leitores terem acesso a vídeos, imagens e links).

Vislumbramos também os benefícios do *blog* na dissertação *Da sala de aula ao blog: caminhos para a leitura de poemas*, de Berenice da Silva Justino (2012), que realizou um trabalho com poemas de diferentes autores (Paulo Leminski, Vinícius de Moraes, Joésio Menezes etc) com alunos de 9º ano de uma escola pública da cidade de Pocinhos-PB. No pouco tempo da experiência em sala e na plataforma virtual, dois meses, podemos perceber o aumento da participação dos alunos no *blog* através de seus compartilhamentos de leitura. No primeiro mês, já notamos a participação ativa dos alunos no meio virtual, com trinta e um comentários e cinco postagens de poemas escolhidos e publicados por eles. No segundo mês, os alunos fizeram dezesseis postagens de poemas e contribuíram com setenta e quatro comentários, o que revela um grande aumento na interação, apenas em um mês.

Assim, percebemos que em relação aos comentários nas postagens do *blog*, houve um aumento de mais de 50% do mês de abril para maio, isto é, mais do que o dobro de comentários que tinham sido feitos no primeiro mês de intervenção (de 31 para 74). Esse engajamento dos alunos denota a liberdade que sentiam de se expressar nessa ferramenta *on-line*, socializando suas leituras. Em relação a postagem de poemas, o aumento, de um



período a outro, foi de mais de 200% (de 5 para 16). Esta última prática supõe que os alunos procuraram e leram poemas com o intuito de postá-los no ambiente virtual, o que, por si só, se constitui como um método de incentivo à leitura. Também, diante dos dados, podemos supor que se o trabalho com os poemas no *blog* fosse perpetuado durante todo o ano letivo, auxiliando o trabalho em classe, haveria uma crescente contribuição no processo de ensino aprendizagem e na formação leitora desses alunos, tendo em vista os excelentes resultados em apenas dois meses de experiência.

Devemos considerar que na publicação da pesquisa de Justino, 2012, a *Internet* não tinha adquirido ainda o relevo que hoje ocupa na vida dos adolescentes e jovens, e, mesmo assim, vemos como o interesse dos alunos por interagir e aprender através desse meio já era significativo e proeminente. Isso reflete não só como as mídias digitais podem ser um suporte relevante para interessar e incentivar os alunos à leitura, mas também como o *blog* pode se constituir como uma metodologia efetiva no ensino de literatura, a fim de motivar a aprendizagem, intensificar a cooperação entre o grupo, apresentar indicações de leituras para o estudo da literatura e incentivar o aluno a fazer pesquisas e a ler textos literários, como frisa Porto (2012, p.24). Isso indica que repensar algumas práticas e métodos tradicionais do ensino de literatura pode ser muito relevante, se pensarmos nos ganhos para a formação leitora e o próprio processo de ensino aprendizagem.

3 CONCLUSÃO

Nesse breve resumo sobre as quatro pesquisas aqui mencionadas, comprovamos como as mídias digitais têm se constituído, desde anos atrás, como meios efetivos de auxílio à leitura e formação leitora e como a socialização e compartilhamento da leitura, tão mencionada por autores como Bordini Aguiar (1988), Colomer (2007) e Cosson (2014), tem sido uma realidade nesses ambientes *on-line*, tendo em vista que a *Internet* tem permitido a criação de comunidades, com ou sem finalidade pedagógica, nas quais a leitura tem sido incentivada e praticada. Além disso, vimos que, assim como influenciadores compartilham suas experiências de leitura e a sociabilizam com seus seguidores, os professores de literatura também podem realizar um trabalho efetivo e benéfico com as TICD no contexto escolar, visando a formação leitora.

Também vislumbramos neste artigo alguns dos benefícios da *Internet* para o ensino de literatura, como: ofertar mais leituras, de diferentes autores e épocas, e, conseqüentemente, alargar o horizonte de expectativas do aluno; criar mais espaços de socialização para as recepções; oferecer mais autonomia e liberdade no compartilhamento de leituras; possibilitar a revisão da prática docente; utilizar métodos de inclusão digitais para educandos com necessidades especiais; propiciar práticas de escrita coletiva; publicar textos autorais em mídias sociais, etc. Esses ganhos não se relacionam de forma restrita ao meio literário, mas podem ser transpostos para a educação como um todo, o que indica a relevância de inserirmos essas práticas digitais ao ensino escolar a fim de que as inovações tecnológicas se firmem como grandes aliadas do ensino. Ademais, os caminhos docentes aqui trilhados, como a utilização do *blog* como ferramenta, também são passíveis de adequação e ajustes para outras disciplinas e contextos, apontando caminhos metodológicos possíveis para outros professores.



REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de e BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: A formação do leitor (alternativas metodológicas)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANDRADE, Sydney Vicente de. **Leitura literária e deficiência visual no contexto das mídias digitais**. Dissertação, mestrado, Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, p.133, 2015.

ASEVÊDO, Flávio Aurélio Tenório. **Ciberliteratura na mira da instituição literária: O Orkut es formas de literariedade o ciberespaço**. Dissertação, mestrado, Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, p.120, 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BORTOLUZI, Jemima Stetner Almeida Ferreira. **Literatura jovem adulta: que gênero é esse?** Revista 15 de Outubro, Vol. 1, nº1, p. 51-64, jan-jul, 2022. Disponível em: file:///C:/Users/Marina%20Macedo/Downloads/Literatura+Jovem+Adulta+com+revis%C3%A3o.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2023.

CIRQUEIRA, Juliana. **Postagem com livro de Stephen King A maldição**. São Paulo, 11, out., 2023,. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjIFjBVrOyL/>. Acesso em: 06 de agosto de 2023.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por amostras de domicílio Contínua Anual (PNAD)**. Módulo de Tecnologia de Informação e Comunicação, 2022. Disponível em; <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2022/09/Internet-chegou-a-90-dos-domicilios-brasileiros-no-ano-passado>. Acesso em: 26 de fev. 2023.

JUSTINO, Berenice. **Da sala de aula ao blog: caminhos para a leitura de poemas**. Dissertação, mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, p.157 2012.

LÉVY, Pierre. **CIBERCULTURA**, tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARIA, Luzia. **O clube do livro: Ser leitor, que diferença faz?.** São Paulo: Global, 2016.

MARTINS, Caroline Mabel Macedo Santos. **Metalinguagem e ensino: Vivência com poemas de Ferreira Gullar**. Dissertação, Mestrado, Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, p.293, 2010.



MARTINS, Marina Macedo Santos. **Leituras do *estranho* em contos de Geraldo Maciêl**: Uma proposta metodológica híbrida na formação de leitores. Tese em andamento, doutorado, Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, 2024.

PACÍFICO. Pedro. **Postagem com resenha *Água de Barrela***. São Paulo, 23, fev., 2023. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/CpJNH6frgZl/>. Acesso em: 05 de agosto de 2023.

PACÍFICO. Pedro. **Salvar o fogo, de Itamar Vieira Junior**. São Paulo, 7, jun., 2023. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/CtNdvERRgJm/>. Acesso em: 24 de out. de 2023.

PRENSKY, Marc. Digital natives e digital immigrants. **On the horizon**. MCB University Press, v.9, n., p. 1-6, Out. 2001.

PORTO, Ana Paula Teixeira PORTO, Luana Teixeira, **Uso de *blogs* no processo de aprendizagem de literatura no Ensino Médio**, #Tear Revista de tradução, Ciência e Tecnologia, v.1, n.1, p.1-18, 2012.

SILVA, Ivanda Maria Martins. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Org.) **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2022. Livro Eletrônico.